

FACULDADE ATENAS

IORRANA ALVES TROVO

PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Paracatu

2017

IORRANA ALVES TROVO

PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II).

Orientador: Prof^a. Msc. Jordana Vidal Santos Borges.

Paracatu

2017

IORRANA ALVES TROVO

PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade Atenas, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II).

Orientador: Prof^a. Msc. Jordana Vidal Santos Borges.

Banca Examinadora:

Paracatu-MG, 14 de Dezembro de 2017.

Prof^a. Msc. Jordana Vidal Santos Borges.
Faculdade Atenas

Prof^a. Dra. Daniela Stefany Marques
Faculdade Atenas

Prof^a. Msc. Hellen Conceição Cardoso Soares
Faculdade Atenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais Norival e Maria Carolina, pela força, incentivo e principalmente pelo carinho.

À minha orientadora, Jordana Vidal Santos Borges, por toda a colaboração ao longo da realização deste trabalho.

As colegas de classe, companheiras de jornada.

RESUMO

O estudo aqui apresentado, por meio de pesquisa bibliográfica, vem apontar as concepções teóricas que defendem a importância da psicomotricidade para o desenvolvimento das crianças em idade escolar referente à Educação Infantil. Sabe-se que o aspecto psicomotor deve ser trabalhado buscando o progresso integral das crianças, promovendo o desenvolvimento da autonomia, do domínio sobre o próprio corpo, da habilidade comunicacional, da expressão corporal e das relações interpessoais. Dessa forma, as atividades de cunho psicomotor presentes no dia a dia escolar, devem ser desenvolvidas não apenas como lazer, mas como uma importante estratégia de evolução da criança.

Palavras-chave: Psicomotricidade. Desenvolvimento Global. Educação Infantil.

ABSTRACT

The study presented here, through bibliographic research, is to point out the theoretical conceptions that advocate the importance of psychomotor development of children in school age for children's education. It is known that the psychomotor aspect must be worked seeking the integral development of children, promoting the development of autonomy, mastery over the body of the communicational ability, corporal expression and interpersonal relations. In this way, the activities of a psychomotor present on the day the school day must be developed not only as leisure, but as an important strategy of development of the child.

Keywords: *Psychomotricity. Global Development. Early Childhood Education.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

RCNEI Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 PROBLEMA	08
1.2 HIPÓTESES	09
1.3 OBJETIVOS	09
1.3.1 OBJETIVO GERAL	09
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	09
1.4 JUSTIFICATIVA	09
1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO	10
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	10
2 EDUCAÇÃO INFANTIL	11
2.1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL	13
3 PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
3.1 COORDENAÇÃO GLOBAL	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

A infância é uma fase encantadora e, segundo Weisz (2012), mantém-se permeada de brincadeiras nas quais as crianças podem vivenciar o mundo de faz de conta fazendo uma relação com o mundo real. A partir de atividades como jogos e brincadeiras as crianças podem expressar seus sentimentos, fazer movimentos e ainda interagir com outras crianças, possibilitando assim um meio de socialização entre elas.

Segundo Gonçalves (2008) no decorrer da realização de movimentos, orientados ou não, as crianças articulam e expressam a afetividade, os desejos e possibilidades comunicacionais. Por toda essa amplitude a Psicomotricidade ocupa um lugar de destaque indiscutível no desenvolvimento infantil, principalmente no período denominado primeira infância, que dura do nascimento até os 6 anos de idade, pois é reconhecido que existe uma interdependência constante entre os desenvolvimentos motores, afetivos e intelectuais, todos imprescindíveis ao desenvolvimento infantil.

De modo mais apurado, Wallon (2006) considera que a Psicomotricidade corresponde à ação do sistema nervoso central através da qual a criança cria sua consciência como ser humano, que vai adquirindo controle gradual sobre os movimentos que realiza por meio de padrões motores gerais tais como a velocidade, o espaço e o tempo.

No período denominado Educação Infantil, acrescenta Gonçalves (2008), a criança realiza diariamente experiências pessoais por meio das quais forma conceitos pessoais e organiza todo seu esquema corporal. Assim, a forma como se dá a abordagem da Psicomotricidade possibilitará a compreensão do como a criança tomará consciência de seu corpo e de suas possibilidades de expressão (GONÇALVES, 2008).

Dada à importância, salienta Weisz (2012), o trabalho realizado com vistas à educação psicomotora infantil deverá prever a formação de uma base concreta, que permita um desenvolvimento global do aluno, tomando cuidado para não se tornar apenas um lazer sem fundamentação pedagógica.

1.1 PROBLEMA

De que forma a Psicomotricidade influencia no desenvolvimento das

crianças na Educação Infantil?

1.2 HIPÓTESE DE ESTUDO

Acredita-se que as atividades desenvolvidas na Educação Infantil devem ser permeadas de objetivos e práticas psicomotoras, pois a Psicomotricidade é parte essencial do desenvolvimento do indivíduo.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Mostrar a influência da Psicomotricidade no desenvolvimento infantil.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. caracterizar a etapa denominada educação infantil e sua evolução;
- b. compreender os fundamentos da psicomotricidade e sua importância;
- c. relacionar a importância da psicomotricidade na prática pedagógica da Educação Infantil como necessária ao desenvolvimento do aluno.

1.4 JUSTIFICATIVA

A importância atribuída ao tema proposto parte do princípio de que a estimulação psicomotora, incorporada pelas diretrizes que orientam os currículos da Educação Infantil, pode agregar experiências sensoriais, perceptivas, motoras, sociais e afetivas, que são capazes de tornar a aprendizagem da criança repleta de conteúdos simbólicos e não simbólicos que estão na gênese da linguagem escrita. A estimulação psicomotora age no terreno do desejo: desejo de se comunicar, de aprender, de sentir, de testar, de tocar, de provar, de construir e desconstruir. A partir da autonomia postural surgirão as explorações lúdicas, a vivência dos deslocamentos e movimentos integrados, possibilitando à criança a apropriação do corpo, do espaço, do tempo e do eu, habilidades essenciais para seu desenvolvimento.

Com o jogo, a imitação, a relação com o meio, a criança chega aos processos de linguagem verbal ou falada, responsável pela significação das ações e situações vividas e convivas.

Dessa forma, a escolha partiu das observações feitas no decorrer das etapas do Estágio Supervisionado e pela observação de que as crianças precisam de um bom desenvolvimento motor para execução das atividades escolares em todos os momentos. Como foi constatado que as professoras da Educação Infantil trabalham atividades onde a Psicomotricidade é enfatizada, entende-se que é importante fundamentar tal observação.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lakatos e Marcone (2008), tem por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. A pesquisa bibliográfica, também chamada de revisão de literatura, tem por objetivo permitir ao pesquisador maior fundamentação na análise de seu estudo ou manipulações de suas informações.

Para construção do referencial teórico foram utilizadas como fontes de pesquisa livros, artigos científicos, teses e dissertações de mestrado do assunto relacionado e outros.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente estudo está organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta a Introdução contendo o tema, problemática, hipótese, justificativa, objetivos e metodologia adotada.

No capítulo 2 buscou-se caracterizar a etapa denominada educação infantil e o desenvolvimento infantil.

O capítulo 3 apresenta os fundamentos da psicomotricidade, suas bases científicas e pedagógicas que comprovam sua importância.

Finalizando, no capítulo 4, são elaboradas as considerações finais, baseadas nas informações apuradas no decorrer do estudo.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Frabboni (1998) a história da Educação Infantil no Brasil se assemelha bastante ao resto do mundo. Nas primeiras décadas do século XIX, como tentativa de resolver o problema das crianças brasileiras, surgem algumas iniciativas isoladas, na forma de criação de poucas creches, alguns asilos e também internatos, entendidos até então, como instituições adequadas para os cuidados com as crianças pobres. Entretanto, o resultado era somente o de encobrir o problema, pois não possuíam capacidade para buscar transformações mais profundas da realidade social onde essas crianças estavam inseridas.

O surgimento do liberalismo, compreende Frabboni (1998), já nos últimos anos do século XIX, dá início a um projeto de construção de um país mais moderno e a elite nacional adota as concepções educacionais do Movimento das Escolas Novas, surgidas nos centros de transformações sociais europeus que chegaram ao Brasil por meio de influência internacional.

Nesse período, Oliveira (2005) afirma que surge no Brasil as primeiras ideias de “jardim-de-infância”, recebidas com entusiasmo por alguns setores sociais com algumas ressalvas e discussões uma vez que, para a elite, a responsabilidade pública pelo atendimento das crianças carentes não era interessante.

Em meio a muita polêmica, comenta Loureiro (2005), no ano de 1875 surge o primeiro jardim-de-infância, no Rio de Janeiro. Logo a seguir o mesmo se dá, em 1877, na cidade de São Paulo. Esses jardins eram privados e direcionados para crianças da classe alta. Neles era desenvolvida uma programação pedagógica baseada nas concepções de Froebel.

Em meados do século XX, continua Loureiro (2005), devido à crescente industrialização e urbanização do Brasil, a mulher começou a ser mais significativamente inserida no mercado de trabalho, levando a um aumento do número de instituições de cuidados para crianças pequenas onde se destacava o atendimento de caráter assistencialista.

Mais adiante, na década de 1970, o Brasil foi envolvido pelas teorias vigentes nos Estados Unidos e na Europa, nas quais se defendia que as crianças das camadas sociais mais pobres eram alvos da privação cultural, motivo principal do constante fracasso escolar. Esta ideia, por muito tempo, orienta a Educação Infantil, fortalecendo a visão assistencialista e compensatória, existente na época.

Nesse contexto, Oliveira (2005) aponta que:

Para Kishimoto (2002) a abertura política ocorrida na década de 1980 resultou em uma forte pressão das camadas populares cujo objetivo era alcançar a ampliação do acesso à escola. Em consequência, a educação infantil passou a ser reivindicada como um dever do Estado, que até aquele período não se comprometera legalmente com tal responsabilidade. Em 1988 é promulgada a nova Constituição Federal e, a partir da pressão feita pelos movimentos feministas e sociais, é reconhecida a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado.

Mais à frente, nos anos 90, acontece uma ampliação da concepção de criança buscando compreendê-la como um ser sociohistórico, para o qual a aprendizagem acontece por meio das interações entre esta e seu entorno social. Essa perspectiva, segundo Oliveira (2005), denominada sociointeracionista, tem como principal defensor Vygotsky, que enfatizava a criança como um sujeito social, componente de uma cultura concreta.

Ao mesmo tempo, lembra Maranhão (2003), ocorre fortalecimento da nova concepção de infância, acabando por promover a garantia legal dos seus direitos como cidadã. Nesta época é criado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA e a nova Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº9394/96, institui a Educação Infantil como primeiro nível da Educação Básica, formalizando a municipalização dessa etapa de ensino.

No ano de 1998, complementa Maranhão (2003), é elaborado Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI, documento cujo objetivo era nortear o trabalho escolar realizado com crianças de 0 a 6 anos de idade. Este documento representou um avanço na nova estruturação do papel da Educação Infantil, propondo a integração entre o cuidar e o educar, atualmente, um dos maiores desafios da Educação Infantil. Para que sejam concretizadas, as propostas trazidas pelo RCNEI exigem que todos os envolvidos no processo educativo infantil tenham como meta a efetiva implantação dessas propostas, permitindo e facilitando que estas sejam praticadas.

O documento, comenta Kishimoto (2002), compreende que o trabalho na educação Infantil é peculiar e os professores que atuam nessa modalidade devem considerar as especificidades dessa faixa etária, cujos indivíduos estão começando a construir sua identidade.

Pelas instruções apresentadas, comenta Maranhão (2003), esse referencial recomenda que as Instituições de Educação Infantil devem produzir suas Propostas Pedagógicas de forma clara e abrangente, esclarecendo a importância do reconhecimento da identidade pessoal não apenas das crianças, mas também de suas famílias e profissionais da educação em atuação nas escolas.

2.1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL

Para Loureiro (2002) o ser humano, a partir do momento da concepção passa por uma série de processos de desenvolvimentos, que acabará por resultar em um indivíduo biopsicossocial e espiritual, construído pela interação entre este e o meio. Nesse pressuposto, a infância é entendida como a fase na qual a criança vai, gradativa e lentamente, se adaptando e ocupando um lugar no mundo. A discussão em torno do desenvolvimento infantil integra o termo à ideia de crescimento, nos aspectos o físico e biológico. Entretanto, este desenvolvimento é muito mais complexo do que o crescer e avançar da idade, pois dá origem a um processo de construção consecutivo de vários fatores, tais como influências sociais, culturais, biológicas e intelectuais.

Em muitos aspectos, reflete Rocha (2000), a produção de conhecimentos pela criança é espontânea, de acordo com cada estágio de desenvolvimento pelo qual passa. Para Piaget a criança passa por quatro estágios de desenvolvimentos, citando-os como: o primeiro estágio, que é compreendido como estágio sensório-motor, que vai de 0 a 2 anos; o segundo, correspondente ao estágio pré-operatório, entre 2 e 7 anos; o terceiro, chamado de operações concretas, prevalecendo entre 7 e 12 anos; e o último, estágio das operações formais, a partir dos 12 anos.

Tendo como base essa concepção, Rocha (2000, p.103) apresenta as palavras de Bock (2002) ao salientar que:

O período sensório-motor, o bebê vai assimilando o mundo através de suas percepções e ações (movimentos), nota-se um crescimento acelerado do desenvolvimento físico, ocasionando novos comportamentos e habilidades. Em relação à linguagem, caracteriza-se pelo balbúcio, mais conhecida como ecolalia, cujo significado é a repetição de sons e palavras. Como exemplo, a criança diz "leite", para dizer que quer leite.

O primeiro período, segundo Kramer (2003), denominado pré-operatório, caracteriza-se pelo surgimento da linguagem, o que facilita o desenvolvimento dos

aspectos afetivos, sociais e intelectuais da criança. O pensamento é predominantemente egocêntrico impedindo que a criança se coloque no lugar do outro. Neste estágio ocorre o desenvolvimento do pensamento, iniciando a fase dos “porquês”, e ela quer explicação para todas as coisas. O jogo simbólico, o faz de conta, e a fantasia começam a ocorrer, fazendo com que a criança consiga criar imagens mentais sem que seja necessária a presença do objeto ou ação. Outra característica é o animismo, onde a criança dá vida aos objetos inanimados.

Nesse contexto, acrescenta Kramer (2003), o desenvolvimento humano é relativo ao desenvolvimento mental e também ao crescimento orgânico. O primeiro é uma construção continuada, caracterizada pelo surgimento gradativo das estruturas mentais. O outro, chamado de crescimento orgânico, é compreendido como o que está ligado ao desenvolvimento físico, ocorrendo desde o nascimento.

O segundo período, resumido por Rego (1995), chamado operações concretas, a criança começa a compreender regras e ordenar objetos por tamanho e peso. Também desenvolve as noções relacionadas a tempo, espaço, ordem e outras. Quando estabelece relações, a criança começa a pensar logicamente e o egocentrismo se reduz, ao mesmo tempo em que leva em conta os diversos aspectos de uma determinada situação. Aqui ocorre a aquisição da noção de reversibilidade, entendida como a capacidade de compreender um processo contrário a outro, observado anteriormente.

Finalmente, acrescenta Rego (1995), no período das operações formais, ocorre o ápice do desenvolvimento cognitivo. Neste, o pensamento que era representativo, passa a ser abstrato, passa a levantar hipóteses e deduzir coisas, com capacidade para pensar as diferentes relações possíveis sem que seja preciso estar diante da realidade. Por meio da capacidade de pensar e lidar com os conceitos relativos à liberdade e à justiça, no plano emocional o agora adolescente passa a vivenciar conflitos procurando se libertar do adulto mesmo que seja dependente dele.

Frabboni (1998) considera que, partindo desses estágios, pode-se afirmar que o desenvolvimento cognitivo se dá por meio de mudanças qualitativas e quantitativas permitindo que a criança se construa e reconstrua em cada etapa, tornando-a cada vez mais equilibrada, racional e analítica. As mudanças entendidas como quantitativas são as que se referem a números e a quantidades, como peso e altura corporal, ampliação do vocabulário. As qualitativas relacionam-se às

mudanças cognitivas do indivíduo, suas aprendizagens de novas habilidades, tais como a evolução da comunicação não verbal para a verbal.

Kishimoto (2002) esclarece que as aulas onde são desenvolvidas atividades psicomotoras devem oferecer atividades voltadas ao desenvolvimento da consciência corporal, estimulando atividades onde sejam prioridades atitudes como cooperação, respeito e amizade, levando ao hábito da atividade física com vistas à vida saudável e equilibrada.

Para Maranhão (2003) um dentre os mais importantes benefícios destas aulas é que no decorrer das atividades os alunos têm a oportunidade de desenvolver e aprimorar a linguagem. Na comunicação durante as aulas o aluno satisfaz a necessidade de falar, movimentar, expressar, criando formas próprias para sua expressão verbal. Nessas aulas é possível melhor interação e integração entre alunos, com necessidade educacional especial ou não.

A ação motora, finaliza, produz uma função locomotora que só pode ser substituída pela linguagem, ou seja, a compreensão dessas mensagens orienta o rumo da prática pedagógica em busca de um sentido real e eficaz no desenvolvimento da criança.

3 PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Oliveira (2007) esclarece que o esquema corporal é o elemento base da formação integral da criança, pois é uma expressão individual. Enquanto se conscientiza do próprio corpo, conhece-se melhor, identifica quais possibilidades têm para agir no mundo a sua volta. Paralelamente, vai construindo sua personalidade.

O corpo é o maior instrumento de expressão individual do ser humano, entende Oliveira (2007). À medida que se desenvolve, a criança vai percebendo o mundo a sua volta a partir da vivência corporal que tem com este.

Bueno (2013) considera que a percepção corporal relaciona-se com as necessidades da criança, que, ao longo do tempo, formarão a noção de corpo. É caracterizada pela imagem construída do próprio corpo, nos contextos psíquico e subjetivo.

Para Gallardo (2003) a criança descobre seu corpo, conhece-o e faz uma imagem dele em função da utilização e dos significados que lhe são atribuídos, por meio de resultados das experiências psicomotoras e da relação com o outro. Por isso, o aspecto motor deve ser alvo de especial atenção em todos os ambientes, promovendo estímulos para o desenvolvimento infantil.

Na escola, aponta Bueno (2013) as atividades psicomotoras devem favorecer à criança o conhecimento do corpo e de suas partes interligadas e a construção do esquema corporal, da noção de limites corporais no espaço.

Dessa forma, a criança deve ter a possibilidade de experimentar o seu corpo percebendo-o como ocupante de um espaço delimitado, conclui Negrine (1994). Quando tem uma boa noção corporal, a criança executa ações adequadas e harmônicas ao segmento corporal, utilizando toda sua estrutura de forma consciente para alcançar aquilo que almeja.

Assunção e Coelho (1997) consideram que a tonicidade e a equilibração determinam os estados posturais, a atenção e a vigilância, aspectos essenciais à aprendizagem. Essas bases podem proporcionar o suporte necessário às aquisições mais complexas, pois são requisitos para toda aprendizagem.

Segundo Rodrigues e Pereira (2004) o objetivo das atividades relativas a tais aspectos é levar as crianças a buscar e encontrar soluções corporais necessárias às situações cotidianas e cada vez mais amplas, no decorrer do tempo.

Nessa fase, apontam Assunção e Coelho (1997), a socialização é muito

forte, pois busca na participação coletiva seu fortalecimento individual. Assim, a criança deve ser capaz de identificar as necessidades do grupo ao qual pertence. Com o passar do tempo, perceberá a existência de diferentes relações quanto aos hábitos, costumes culturais.

Cabral (2011) entende que as noções de localização, lateralidade e estruturação espaço-temporal são essenciais para o desenvolvimento funcional infantil. Aqui a criança começa a tomar consciência do seu eu individual, diferente do todo e do espaço que ocupa. Nessa fase, o professor deve estar atento para proporcionar um desenvolvimento harmonioso, percebendo as dificuldades e necessidades apresentadas, intervindo no momento oportuno.

Rodrigues e Pereira (2004) acrescentam que todas as atividades de práticas psicomotoras têm por finalidade promover o desenvolvimento integral da criança através da ferramenta representada pelo seu corpo. Nos projetos educacionais, essa prática permite que a criança utilize o próprio corpo para explorar, perceber, criar, brincar, relacionar, imaginar, planejar e sentir. Todas essas capacidades são necessárias ao longo de seu crescer. Pelos pensamentos, as crianças expressam os sentimentos. Quando aliado aos movimentos essa expressão e torna muito maior.

3.1 COORDENAÇÃO GLOBAL

A coordenação global, segundo Oliveira (2007), diz respeito à atividade dos grandes músculos e depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo. Através da movimentação e da experimentação, o indivíduo procura seu eixo corporal, vai se adaptando e buscando um equilíbrio cada vez melhor. Conseqüentemente, vai coordenando seus movimentos, se conscientizando de seu corpo e das posturas. Quanto maior o equilíbrio, mais econômico será a atividade do sujeito e mais coordenadas serão as suas ações.

Para Bueno (2013) a coordenação global e a experimentação levam a criança adquirir a dissociação de movimentos. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade de gesto.

Segundo Cabral (2011) Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências

vividas pelo sujeito. Portanto, podemos dizer que, quanto mais cedo começarmos a trabalhar os movimentos, cotidiano ou não, melhor será a coordenação e perspicácia ao espaço de tempo e tolerância da capacidade corpórea.

Quantas vezes não ouvimos prosas sobre pessoas dizendo que a coordenação motora das crianças está sumindo aos poucos, com a maior quantidade de tecnologia. Isso se deve à falta de prática básica motora que todo ser precisa para ter maior controle sobre sua capacidade (CABRAL, 2011, p.26).

Por isso, complementa Bueno (2013), o trabalho psicomotor na educação infantil foca-se em prever a formação de bases indispensáveis no seu desenvolvimento futuro, mas como trabalhar o cérebro de uma criança a coordenar os movimentos? Brincadeiras infantis antigas, e creio eu que já efetuada por todos, como pega pega, pular com um pé só, esconde esconde e engatinhar, fazem com que a criança trabalhe seu cérebro, que por outro lado, estará sujeita a conhecer novas capacidades de seu corpo.

Para Cabral (2011) conhecer o corpo é a mesma coisa que você conhecer o valor de uma refeição, se comermos apenas para encher a barriga nunca saberemos o quanto é importante, quantos nutrientes estamos ingerindo e em que o alimento nos favorece. Assim se faz com a capacidade do corpo em não nos limitar.

Segundo o neurocientista Rodolfo Lina (*apud* FONSECA, 2008) o que o cérebro faz o tempo todo, dormindo ou acordado, é criar imagens. Então o processo de ensinar movimentos ou ações a uma criança, nada mais é do que projetar uma imagem na mente dela, para que possa repetir o processo. Por isso a importância de trabalhar desde cedo, com eficácia, o cérebro e o corpo dos pequeninos como uma só junção, deixá-los livres para correr, pular, imitar, gritar e as outras coisas normais da infância; colocar para fora a imagem que está projetada em sua mente. Dessa forma, a liberdade de movimentos, bem acompanhada e orientada, contribui para a aceitação do próprio corpo, suas capacidades e limitações. Por ele o aluno sente o meio em que vive, se coloca como um indivíduo atuante, participativo e capaz de agir com consciência nas situações que se apresentam.

Cabral (2011) compreende que a criança é, essencialmente, um ser em movimento e não é possível mudar essa característica. A criança precisa se mover, inteirar, participar daquilo que vê. Desde o nascimento, a conquista de capacidades de novos movimentos é uma grande descoberta que vai sendo aumentada no

decorrer do tempo.

Fonseca (2008) ainda esclarece que o movimento depende diretamente das capacidades cerebrais. A oferta de oportunidades de aperfeiçoamento dos movimentos infantis auxilia no desenvolvimento da capacidade de autocontrole, de noção do espaço que a criança tem diante de si e como se movimentar nele. Dessa forma, o desenvolvimento infantil é, em grande parte, influenciado pelas ações que realiza através do domínio e evolução de suas próprias capacidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se responder, neste estudo, ao problema representado pela compreensão sobre a forma como a Psicomotricidade influencia no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil?

Acreditava-se, inicialmente, que as atividades desenvolvidas na Educação Infantil devem ser permeadas de objetivos e práticas psicomotoras, pois a Psicomotricidade é parte essencial do desenvolvimento do indivíduo.

Como objetivo propôs-se apontar como a Psicomotricidade está presente no desenvolvimento infantil e sua importância.

O estudo realizado levou à compreensão de que o corpo possui muitas linguagens e todas úteis à coordenação entre as funções corporais. Na escola as atividades psicomotoras devem privilegiar exercícios que permitam o desenvolvimento do corpo como um todo integrado, afinal a influência dos movimentos motores no desenvolvimento das habilidades necessárias à aprendizagem é notadamente importante na evolução dos educandos no decorrer de toda a vida escolar.

A função motora, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo estão intimamente ligados à criança e à psicomotricidade quer justamente destacar a relação existente entre a motricidade, a mente e a afetividade, e assim facilitar a abordagem global da criança por meio de uma técnica.

Pode-se entender que o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo. A criança se sentirá bem na medida em que seu corpo lhe oferece instrumentos para agir, em que o conhece bem, em que pode utilizá-lo não somente para movimentar-se, mas também para agir e assim, aprender.

Através da prática pedagógica que permita ao aluno conhecer seu próprio corpo as crianças poderão aprender a conviver em grupo, comunicando-se verbal e corporalmente uns com os outros, aprendendo também a respeitar as dificuldades e o tempo de aprendizado de cada pessoa, convivendo sempre em um ambiente onde as pessoas não são iguais, não se manifestam e nem se movimentam da mesma maneira, mesmo diferentes umas das outras, as pessoas acabam tendo algumas semelhanças uma delas é a capacidade das pessoas se diferenciarem umas das

outras, de se expressarem de formas variadas, sem, com isso, perderem a condição de seres humanos.

É importante salientar o valor da exploração da cultura do corpo porque é através dele que os alunos assimilam e apropriam valores, normas e costumes sociais, por um processo de incorporação, onde acontece mais do que um aprendizado intelectual instalado no seu corpo e no conjunto de suas expressões.

Diante da pesquisa e estudos realizados pode se concluir o problema, pois existe uma forte influência da psicomotricidade no desenvolvimento da criança como um todo, não somente no âmbito escolar mais no seu processo de crescimento global. Pode se perceber que quando há a junção de etapas bem desenvolvidas e concluídas no desenvolvimento infantil, quando não existe falha ou até mesmo o “saltar” de etapas esse processo psicomotor se torna um aliado para a criança para seu processo de aprendizado.

Os objetivos aqui apresentados foram contemplados pois foi descrito todo o processo da educação infantil desde os seus primórdios, bem como da importância que a psicomotricidade tem para o desenvolvimento, crescimento e adaptação do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, P.; COELHO, M. H. **A clínica Psicomotora: o corpo na Linguagem**. Rio de Janeiro, 1997. www.fontedosaber.com/.../areas-da-psicomotricidade.html Acesso: 02 out. 2017.
- BARRETO, M. **O ensino da Educação Física: uma abordagem didática**. 2.ed. Curitiba, Paraná. Educa/Editer, 2000.
- BUENO, S. **Educação Física: educar e profissionalizar**. 4.ed. Porto Alegre: Estação, 2013.
- CABRAL, S. V. **Psicomotricidade Relacional, Prática Clínica e Escolar**. Rio de Janeiro: Reivinter. 2011.
- CHICON, J. F. **Prática psicopedagógica integrada em crianças com necessidades educativas especiais: abordagem psicomotora**. Vitória: CEFD/UFES, 2007. Disponível em: <www.colegiosantamaria.com.br> Acesso em 23 set. 2017
- FONSECA, V. da. **Psicomotricidade**. Revista da Educação. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>> Acesso em 06 set. 2017.
- FRABBONI, F. A Escola Infantil entre a cultura da Infância e a ciência pedagógica e didática. ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GALLARDO, D. L. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2003.
- GONÇALVES, F. **Do andar ao escrever: um caminho psicomotor**. São Paulo: Cultural RBL, 2008.
- KRAMER, S. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAKATOS, E.M., MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LOUREIRO, S. A. G. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- MARANHÃO, D. N. M. M. **Ensinar brincando: A aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 2.ed. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

MUKHINA, V. Psicologia da Idade Pré-escolar. Tradução: Claudia Berliner. **Revista Pátio**. Ano VI, nº2, fev/mar/abr 2008.

NEGRINE, L. N. **Um programa de Educação Física adequado ao desenvolvimento da criança. Educação Física escolar: ser...ou não ter?** UNICAMP, 2002. Disponível em: <<http://www.educacaoemdebate.org>> Acesso em 10 ago. 2017.

OLIVEIRA, Z. R. de O. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Educação Infantil: Muitos Olhares**. São Paulo: Cortez, 2007.

REGO, T. C. **Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROCHA, Maria Sílvia P. M. L. **Não brinco mais**. Ijuí: Ed UNIJUÍ, 2000.

RODRIGUES, L. C. PEREIRA, M. S. A educação física na infância: contextos escolares. **Caderno Cedes**, nº 48, v.2, 2004. Disponível em: <<http://www.revistanovaescola>> Acesso em 04 set. 2017.

WALLON, H. **Psicologia e Educação. 2006**. Disponível em: <educarparacrescer.abril.com.br/.../henri-wallon> Acesso: 18 maio 2017.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2012.